

OFNI'S

OFNIs são "objectos faladores (ainda) não identificados" - mas identificáveis. São, quase sempre, objectos idênticos às palavras e frases que empregamos. Mas só na aparência, porque os seus efeitos são bem diferentes. De uma forma geral, os OFNIs turvam a clareza do nosso pensamento, corrompem a sua expressão e prejudicam o entendimento até das coisas mais simples. Desta forma, assemelham-se aos "vírus" e "vermes" informáticos, eles também produzidos a partir da "linguagem" que serve para construir programas viáveis, mas utilizada para corromper a sua informação.

Considerarei apenas os OFNIs que se podem avistar do observatório a que todos temos acesso livre: o idioma português. Para facilitar a sua identificação e fixar ideias, proponho-me dividi-los em estirpes, com nomes que façam justiça ao seu modo habitual de comportamento, como, por exemplo, BRUTUGUÊS.

OFNIOLOGIA

Como se depreende do antecedente, os OFNIs não têm origem extra-terrestre nem extra-humana, não são portadores de verdades preternaturais nem aparecem em lugares ermos onde só alguns sortudos os conseguem avistar. Bem pelo contrário, são tudo o que há de mais trivial. Os OFNIs andam por aí, de boca-em-boca, numa roda viva, porque são criados por nós - é verdade, no melhor pano cai a nódoa - não intencionalmente, porém, porque não há nenhuma malevolência deliberada neste processo (ao contrário do que sucede com a criação de vírus e vermes informáticos). Nem poderia haver, já que se trata de um processo INCONSCIENTE. Criamos OFNIs, ao falar e ao escrever, com a mesma naturalidade com que sonhamos. Mas todos sabemos que há sonhos e sonhos. O Português está para o Brutuguês como os sonhos ditos normais estão para os chamados "pesadelos". Eis um exemplo dessa diferença.

SUCESSO destrona ÊXITO

Consideremos a palavra SUCESSO. Significa aquilo que aconteceu, acontecimento, facto resultante de um empreendimento. A sua génese psíquica envolve, como pano de fundo, a ideia de série ordenada de instantes, mais saliente no verbo e substantivo cognatos SUCEDER e SUCEDIMENTO. Este último tem pares em Trás-os-Montes e nas Beiras, onde "sucesso" se diz respectivamente (desconheço com que frequência) SUCEDO(Ê) ou SUCEDENHO, a fazer fé no "Grande Dicionário da Língua Portuguesa" de J. P. Machado.

Isto em Português. Em Brutuguês, o caso muda de figura. SUCESSO passa a ser sinónimo de ÊXITO, a conclusão feliz ou "bem sucedida" de um empreendimento. Pelo buraco aberto por este OFNI na delicada tessitura do idioma eis que o nosso pensamento se precipita, vezes sem conta, num torvelinho de consequências desastrosas. A primeira consequência é tornar obsoleta a palavra ÊXITO, remetendo-a para o museu das velharias semânticas. A segunda consequência é apagar a diferença entre um empreendimento humano e a sua conclusão - imprevisível porque bipolar (êxito OU malogro) - que passa a ser, por decreto, previsível: "sucesso=êxito". A terceira (e a mais viciosa) é aceitar como natural uma escatologia do "sucesso" baseada no filosofema "sucesso significa ocupar espaço".

ESCATOLOGIA DO SUCESSO

Por esta altura já deverá ser evidente que frases como "Portugal, um país de sucesso" ou "a canção X tem sido um sucesso" só são entendíveis se nos dispusermos a ver nelas não frases portuguesas mas frases brutuguesas, onde "sucesso" ocupou o espaço de "êxito". Deixo aos leitores a tarefa de procurar exemplos das desventuras da palavra ÊXITO, certo de que encontrarão muitos.

Volto à 3ª consequência. O filosofema "sucesso é ocupar espaço" nasceu na gíria militar, onde "sucesso" significa, desde há muito, "conquista de posição de relevo ao inimigo". Os guerreiros não costumam primar por aquilo que Pascal denominava "finura de análise" (esprit de finesse), sendo mais propensos a um certo "modo geométrico de pensar" (esprit de géométrie) que alguns observadores mais mordazes qualificam de "obtuso" ou "quadrado". Sendo assim, não surpreende que este OFNI tenha nascido nesse grupo. O que surpreende é a velocidade com que ele foi invadindo todas as áreas do discurso. Mais surpreendente ainda é verificar que ele domina o modo de falar acerca da instituição que se poderia presumir ser o último refúgio da aliança entre a "finura de análise" e o

"modo geométrico de análise": a escola. Pois como os leitores se poderão dar conta, em Brutuguês não se fala do êxito que pode ter o ensino proporcionado pela escola, mas tão só do acontecimento, do sucesso, que resulta de nela existirem pessoas que empreendem ensinar e aprender.

Tinha a sensação que esta espantosa adulteração de significados era muito recente. E lembrei-me de consultar o texto da Constituição da República para o verificar. Não me enganei. O número 1 do artigo 74 (Ensino) reza assim: "Todos têm direito ao ensino com garantia de igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar". Reparem: "acesso e ÊXITO escolar", não "acesso e SUCESSO escolar". Este enunciado, introduzido em 1982, permaneceu intacto até hoje. Sendo assim, nada está perdido. O Brutuguês ainda não fez estragos irremediáveis.